



Exposição
“Egbé Odé Omi”
Por Raphaella Gomez

Aldir Blanc 2021

SOBRE A EXPOSIÇÃO

Desde criança a trajetória artística funde-se com a história pessoal de Raphaella Gomez, artista visual negra, periférica e trans não binária nascida e criada na Zona Noroeste de Santos na maior rede de palafitas do mundo. Sua busca por um profundo questionamento sobre o sentido da vida, impulsionada pela sede de curiosidade em misturar diferentes tintas e pinceladas afim de descobrir novas cores e formas aliada ao desejo de expressar quem é, como e com quem ou o que se identifica moldou uma multi artista intuitiva e afetiva, que evaporou arte para depois denominar-se artista. Que foi, antes de entender-se como tal, e através de sua ancestralidade trabalha o autoconhecimento expresso em arte - mais especificamente através de três quadros de 40x50cm cada, feitas em acrílica no algodão cru – dessa vez em “Egbe Ode Omi”, sua primeira exposição solo e seu trabalho mais pessoal até hoje.

No tríptico, o vapor se confunde a quase-transparência da técnica aquarela utilizada pela artista, cujas pinceladas revelam abstratamente o movimento do orixá retratado e o mistério repleto de simbologia em seus elementos e em primeiro plano, o orixá nítido e excorporado – não personificado – partindo do pressuposto que o Orixá é vivo na natureza e em seus filhos. Fugindo do ideal perpetuado pelo cristianismo que encara o divino enquanto inalcançável, mas onipresente no total sentido da palavra caracterizando o movimento decolonial em seu trabalho que resgata referências da diáspora africana no campo material e imaterial dessas peças intimistas que trazem sua vulnerabilidade à tona através da religião.

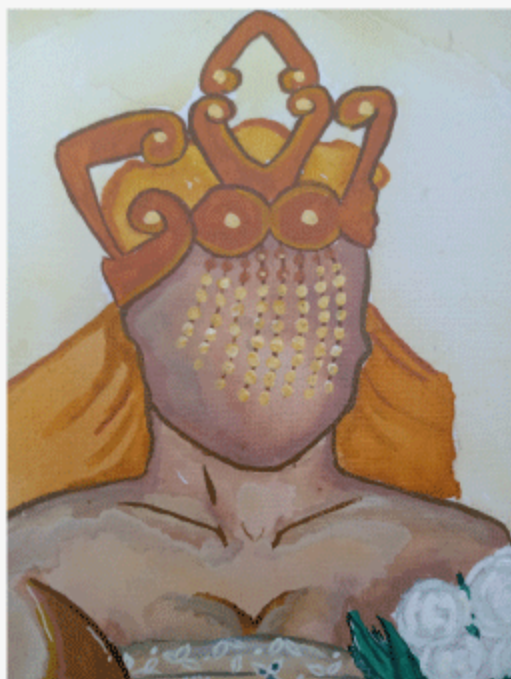
As peças “As águas de Yponda”, “A caça de Ode” e “Os elementos de Logun” contam a história do Orixá Logun Edé, filho de Oxum, em sua qualidade guerreira denominada Ypondá –, e Odé, caçador de uma flecha só comumente conhecido também pelo nome Oxóssi.

O fato de Logun Edé ser um Orixá não binário, é um forte ponto em comum com a autora, visto que atualmente as questões em torno de identidades de gênero estão entre os tópicos mais populares em uma ampla discussão e é importante ressaltar que conhecendo a história não-ocidental, há vestígios de pessoas não binárias no continente africano, provando que a colonização europeia apagou uma cultura muito avançada, assim como os povos originários – retratando um Brasil retrógrado no âmbito sócio-cultural.

Em contrapartida a todo apagamento e demonização dessas culturas e propondo novos meios acessíveis e contemporâneos, a proposta é que “Egbe Ode Omi” tenha sua difusão pública e gratuita através da internet e mídias digitais, evidenciando e democratizando o acesso à arte de pessoas trans e pretas.



GOMEZ, Raphaella “*As águas de Yponda*”, 2021.
Acrílica sob tela, 40x50. Acervo pessoal.



GOMEZ, Raphaella “*As águas de Yponda*”, 2021.
Acrílica sob tela, 40x50. Acervo pessoal.



GOMEZ, Raphaella “Elementos de Logun”, 2021.
Acrílica sob tela, 40x50. Acervo pessoal.



GOMEZ, Raphaella “*Elementos de Logun*”, 2021.
Acrílica sob tela, 40x50. Acervo pessoal.



GOMEZ, Raphaella “A caça de Ode”, 2021.
Acrílica sob tela, 40x50. Acervo pessoal.



GOMEZ, Raphaella “A caça de Ode”, 2021.
Acrílica sob tela, 40x50. Acervo pessoal.